

A PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS, DE ALINE BEI

Mariana Soletti da Silva¹

BEI, Aline. *Pequena coreografia do adeus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

A paulista Aline Bei teve um belíssimo começo na literatura. Nascida em 1987, é formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia-Helen. Seu romance de estreia, *O peso do pássaro morto* (2017), publicado pela editora Nós, foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018. O livro trata de temas difíceis como a velhice, o luto e a maternidade, em uma prosa poética que se propõe a entender as mais profundas dores de uma mulher. No seu segundo livro, *Pequena coreografia do adeus* (2021), publicado pela Companhia das Letras, a maternidade em prosa poética volta à tona, mais uma vez trazendo consigo um vazio trágico na vida das mulheres, agora ressoando, também, nas dores das filhas: "as brigas dos meus pais foram virando o chão onde nós pisávamos" (BEI, 2021, p. 57).

A protagonista é Júlia, filha única de um relacionamento disfuncional entre uma mãe vista como narcisista e um pai submisso, quieto e à margem, mais preocupado com o seu artesanato do que com a criação da filha. Da infância à vida adulta, Júlia tenta entender o que aconteceu com os pais – a mãe não aceita que o seu casamento acabou, enquanto o pai quer esquecer que em um dia já fora casado, o que implica em esquecê-la. Os problemas do matrimônio, que poderiam fazer parte da releitura de "Cenas de um Casamento", série da HBO Max inspirada no filme de Ingmar Bergman, repercutem na vida pessoal de Júlia, que aprendeu a amar em meio a gritos histriônicos ou silêncios ensurdecedores. É na dança, então, que deixa a cabeça esvaziar e os traumas parecerem leves; este é o seu equilíbrio mesmo quando ela não acerta a coreografia, o que acontece muitas vezes.

¹1 Jornalista, formada em Letras-Ingês, Letras-Português, Mestra em Teoria da Literatura e Doutoranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisa literatura em língua inglesa e psicanálise. E-mail: mariana.soletti@edu.pucrs.br.

Expõe-se, sim, os algozes de Júlia e as vulnerabilidades alheias, mas com o respeito que só aquele que sofre (e tenta reconciliar os seus, em prol do armistício) consegue fazer: "[...] uma conversa em família / nunca foi possível, não na minha casa/ lá somos três solitários / irreversíveis / gravemente feridos / da guerra que travamos contra nós" (BEI, 2021, p. 108).

Não é certo dizer que a instabilidade da mãe de Júlia deve ser condenada. Sua indiferença perante a filha mostra as suas próprias dores sobre o casamento, sobre o mito da incondicionalidade do amor materno e sobre as memórias familiares que são julgadas por nós mesmas e que nos julgam fora do âmbito familiar, como *aquelas que não lutaram o suficiente pelas suas famílias*. Logo, Júlia se questiona sobre "uma verdadeira Rainha / de um pequeno país em guerra que era o seu corpo não amado / ou nunca amado do jeito que ela gostaria" (BEI, 2021, p. 41). A filha não tem como saber como a mãe se tornou assim. Mas o que se sabe é

a enorme desolação da mãe que fica em casa e a crescente culpabilização daquela que consegue sair. E a frustração de ambas por não saberem transformar a saturação, a infelicidade, a ira em formas de ação política que possam socializar a tarefa da criação. Por cansaço. Por excesso de tarefas e preocupações talvez mais urgentes. Por vergonha. Por comodidade ou conveniência (o erro de pensar, sobretudo entre as de classe média, que era mais apropriado não erguer a voz e pedir ajuda, por favor e, claro, dizer obrigada). Um grande erro, nos lembram as escritoras mais lúcidas: era indispensável manter os olhos abertos diante dos retornos recorrentes do anjo maléfico, era necessário continuar saindo para a rua exigindo mudanças e lutando por condições mais justas para todas as mulheres, incluindo, é claro, as mulheres-mães (MERUANE, 2018, Loc. 554 *segundo o Kindle*).

O que se entende é que a mãe de Júlia fora atormentada pelo *anjo do lar*, maléfico. Seu lugar na maternidade faz parte do seu lugar de matrimônio; ser mãe e esposa tornam-se sinônimos. Ou seja, quando deixa de ser esposa, deixa um pouco de ser mãe. A filha percebe, e a distância entre as duas no final da trama é muito mais do que física – o problema é que não há afago, também, no lado do pai.

Pequena coreografia do adeus deve ser lida por aqueles que já fizeram parte de uma Guerra Fria e que saíram paupérrimos, desgastados e, sobretudo, traumatizados pelo poder da palavra (e da irônica distância). O que Aline Bei faz, brilhantemente, é escrever um texto em que a educação afetiva está no coração da trama, trazendo-nos

para perto de um ambiente em que se revela, como o ritmo de uma marcha fúnebre, o passo a passo de um desamor.

Referências

BEI, A. *O peso do pássaro morto*. São Paulo: Nós, 2017.

BEI, A. *Pequena coreografia do adeus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MERUANE, L. *Contra os filhos: uma diatribe*. São Paulo: Todavia, 2018.

Recebido em 21/12/2022

Aprovado em 10/05/2023